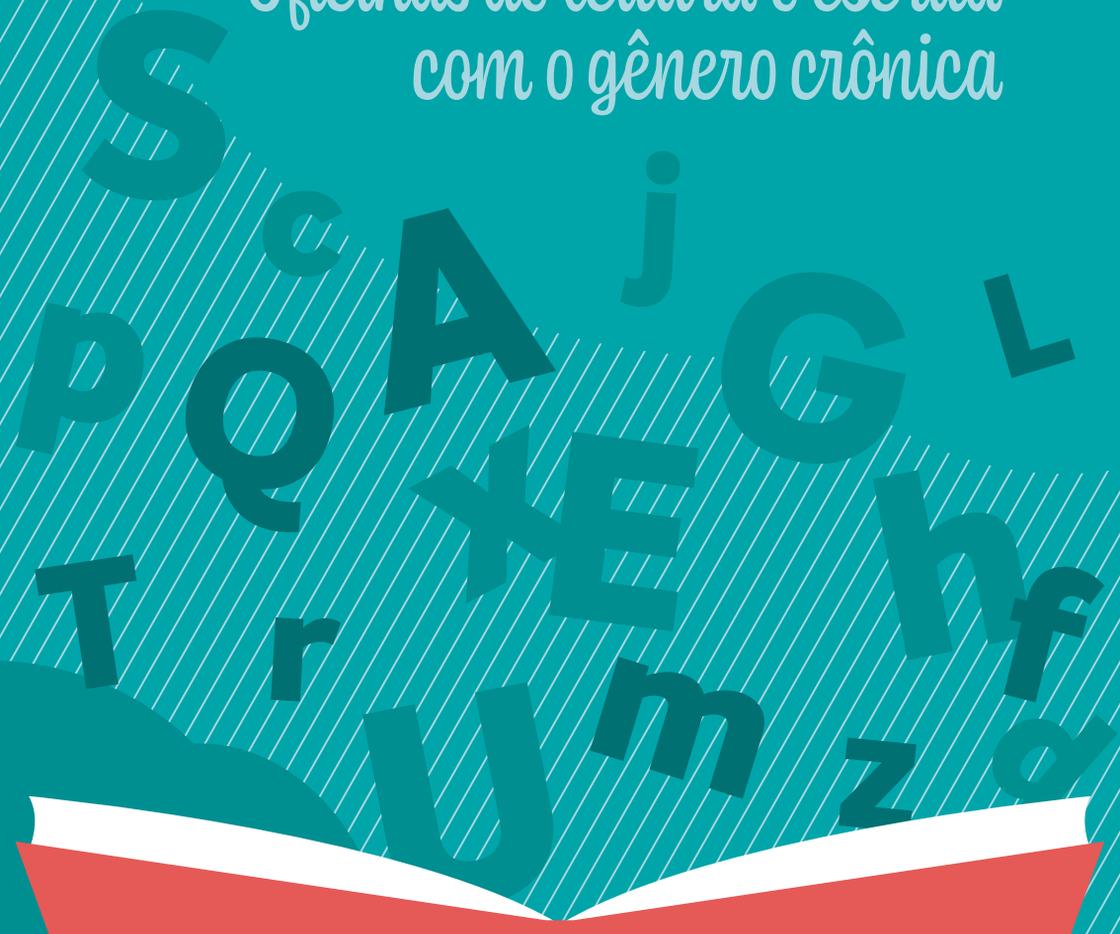




CAROLINE FARDIN ARAUJO
DRA. IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

E-BOOK PARA PROFESSORES

*Oficinas de leitura e escrita
com o gênero crônica*



CAROLINE FARDIN ARAUJO
DRA. IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

E-BOOK PARA PROFESSORES

*Oficinas de leitura e escrita
com o gênero crônica*

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
Vitória
2020

E-book para professores: oficinas de leitura e escrita com o gênero crônica
© 2020, Caroline Fardin Araujo e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Orientadora: Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Aprovado pelo conselho: Luana Frigulha Guisso e Vanildo Stieg

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Capa e diagramação: Ilvan Filho

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663e Araujo, Caroline Fardin. -
 E-book para professores: oficinas de leitura e escrita com o
 gênero crônica / Caroline Fardin Araujo. -

 Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2020. -

 57 p. ; 21 cm.

 978-65-990038-6-8

 1. Leitura - Oficina. 2. Escrita - Oficina. 3. Crônicas. I. Título.

CDD – 372.4

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Apresentação | 05 |
| Estratégias de leitura e escrita em sala de aula | 06 |
| Oficina 1: Estratégia conexão | 15 |
| Texto “Prioridades” | 16 |
| Oficina 2: Estratégia inferência | 22 |
| Texto 1 “Revogue-se” | 24 |
| Texto 2 “Subir pelo lado que desce” | 28 |
| Oficina 3: Estratégia visualização e estratégia sumarização | 34 |
| Texto “Pensar é transgredir” | 35 |
| Oficina 4: Estratégia síntese e produção textual | 43 |
| Texto “Quem ama, cuida” | 44 |
| Oficina 5: Estratégia reescrita | 52 |
| Texto “Nossas muitas fomes...” | 53 |
| Referências | 57 |

APRESENTAÇÃO

Este e-book foi desenvolvido com o intuito de contribuir com os trabalhos, relacionados a leitura e a escrita, que o professor de língua portuguesa realiza. O material disposto neste e-book conta com as oficinas que a pesquisadora aplicou, em sua dissertação de mestrado, sobre as estratégias de leitura e escrita com as crônicas de Lya Luft.

Caro professor (a), caso queira realizar alterações, seja no gênero a ser trabalhado e/ou a série, saiba que terá total liberdade. Esse e-book é uma sugestão que tende a contribuir no seu fazer diário. Não se pode negar que nenhuma turma ou aluno é igual ou aprende da mesma maneira, por isso fique à vontade para realizar quaisquer modificações e adaptações que julgar necessário. O objetivo da pesquisadora é produzir um material que sirva de suporte e que venha complementar e diminuir as dificuldades encontradas em sala de aula.

Ao todo serão dispostas 5 cinco oficinas de leitura sugeridas por Souza et al (2010): Conexão, Inferência; Visualização, Sumarização e Síntese. Bem como, também uma oficina de produção textual e produção de reescrita textual sugerido pelas estratégias de escrita de Lopez (2016).

ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA

Com o passar dos anos a leitura e a escrita vem sendo discutida na educação cada vez mais. O desejo de formar leitores e escritores críticos é uma das tarefas do docente que inicia no primeiro contato com o aluno ao ambiente escolar. Desde as series finais até o Ensino Médio um dos objetivos do professor de língua portuguesa, majoritariamente, é que seu aluno saiba ler além da decodificação de palavras, consiga entender de forma ampla e autônoma e escrever com objetividade e intencionalidade.

Por intermédio desse exposto, o e-book busca por meio de estratégias de leitura e escrita e com o intermédio do gênero crônica, que poderá ser alterado e modificado de acordo com a realidade de professor e de sua turma, subsidiar condições do docente trabalhar a leitura e a escrita de forma ampla, reflexiva, crítica e autônoma. E para que o ato de ler e escrever aconteça de forma proficiente, é importante que o fazer do docente seja objetivado para tal percurso. Para isso, Davis apud Souza (2010), afirma que,

Os leitores proficientes envolvem-se na leitura porque desenvolveram muito bem habilidades e estratégias que lhes permitem atingir um alto nível de compreensão. O ensino das estratégias de compreensão ajuda os alunos a refletirem sobre o que leram e os instrumentaliza para um mergulho mais profundo no texto. Eles passam a conversar com o texto conforme empregam seu repertório de estratégias. Aulas que efetivamente ajudam a desenvolver as estratégias promovem oportunidades para a prática da reflexão sob a orientação do professor, despertando nos alunos comportamentos deseja-

dos como a prática independente. Os alunos que internalizam as estratégias de compreensão tornam-se capazes de transferir seu conhecimento para gêneros diferentes e textos mais complexos. Quando os leitores utilizam as estratégias de compreensão, eles constroem o sentido do que leem e tornam-se participante ativos do processo de leitura. (DAVIS apud SOUZA, 2010, p. 11)

Considerar o aluno como participante ativo do processo de leitura e consequente, da escrita, é ponderar que por meio da compreensão textual e com as estratégias aplicadas, será possível formar um sujeito independente que age de forma ativa no processo de leitura e escrita e que consegue agir de forma reflexiva, crítica e autônoma.

A autenticidade merece destaque nesse processo, uma vez que para ser autêntico precisa de uma veracidade e que ao mesmo tempo está pronto a mudar de direção sem “grandes perdas”, se assim for exposto. Nesse âmbito, ser autêntico na leitura e na escrita é a certeza de que mesmo um texto te evocando a continuar lendo /escrevendo ou não, não haverá perdas, pois, a formação de perfil do leitor e escritor já foi criada adequadamente.

Quando se é um leitor e escritor independente e autônomo, e por vezes, perde o foco por esta ação, facilmente sabe como e o que fazer para superar. Nem todos os textos agradaram, nem sempre a escrita será bem-vinda, mas saber como superar isso, é um exemplo também da prática da autenticidade leitora e escritora.

Por isso, que ao se trabalhar na sala de aula, a leitura deve ser e acontece de forma branda e contraditória. Souza (2004) explica que,

É imprescindível que na formação da criança, e do leitor, haja sempre espaço para que o contraditório e a ambiguidade apareçam. Não, naturalmente, como lições – se houvesse explicações para o contraditório, ele simplesmente não existiria -, mas, sim, por meio do diálogo, da meditação, de discussões, especulações e troca de opiniões. (SOUZA, 2004, p. 44)

Já na escrita o processo de produção textual deve ocorrer de acordo com Lopez (2016) quando,

Utilizamos como uma estratégia de apoio que, mesmo sem afetar o processo de compreensão, serve para consolidar o processo de aprendizagem das diferentes estruturas textuais. Quando os sujeitos precisam produzir um texto, utilizam diferentes estruturas de texto para expressar diferentes objetivos. Elaborar um texto contribui para a percepção de que se pode usar diferentes estruturas em função da sua intenção comunicativa. A consciência disso pode contribuir para que entenda, como leitor, a necessidade de utilizar a estrutura textual para identificar a informação mais importante que se pretende transmitir com o texto. (LOPEZ, 2016, p.19)

Tanto no processo de leitura, quando no processo de escrita, a participação do professor mediador é necessária. Vale ressaltar que a prática da leitura e da escrita, devem ocorrer de forma a aproximar o texto do leitor. Por isso, oficinas podem subsidiar esse fazer, já que o docente conseguirá por meio de estratégias, ampliar a visão do discente, bem como suas interpretações. É ainda na aplicabilidade das estratégias por meio de oficinas, que os docentes, conseguirão, por meio da leitura, intensificar a prática da escrita.

Com base nisso, é importante que o professor leve em consideração os aspectos que a BNCC (2018) aborda sobre os eixos de leitura e de escrita.

Esses eixos visam tornar o ensino mais ativo, autônomo e capaz de ir além da exposição de conteúdos. Para isso, sobre o eixo de leitura ela destaca,

- Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
- Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.
- Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
- Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.
- Localizar/recuperar informação.
- Inferir ou deduzir informações implícitas.
- Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.
- Identificar ou selecionar, em função do contexto de ocorrência, a acepção mais adequada de um vocábulo ou expressão.
- Aprender os sentidos globais do texto.
- Reconhecer/inferir o tema.
- Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens.

- Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.
- Manejar de forma produtiva a não linearidade da leitura de hipertextos e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos de leitura. (BNCC, p.70, 2018)

Em consonância a isso, a BNCC (2018) aborda no eixo na escrita práticas que se relacionam e perpassam em estratégias de produção, aspectos gramaticais, construção da textualidade, alimentação temática e diálogo entre textos, tais eixos são:

- Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multisssemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital).
- Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc.
- Analisar aspectos sociodiscursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo relações entre eles.
- Orquestrar as diferentes vozes nos textos pertencentes aos gêneros literários, fazendo uso adequado da “fala” do narrador, do discurso direto, indireto e indireto livre.
- Estabelecer relações de intertextualidade para explicitar, sustentar e qualificar posicionamentos, construir e referendar explicações e relatos, fazendo usos de citações e paráfrases, devidamente marcadas e para produzir paródias e estilizações.

- Selecionar informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis impressas e digitais, organizando em roteiros ou outros formatos o material pesquisado, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum, quando for esse o caso) e contemple a sustentação das posições defendidas.
- Estabelecer relações entre as partes do texto, levando em conta a construção composicional e o estilo do gênero, evitando repetições e usando adequadamente elementos coesivos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática.
- Organizar e/ou hierarquizar informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico discursivas em jogo: causa/efeito; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.
- Usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada, tendo em vista o contexto de produção do texto, a construção composicional e o estilo do gênero e os efeitos de sentido pretendidos.
- Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão.
- Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, adequação à norma-padrão etc.
- Utilizar softwares de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias, explorando os recursos multimídias disponíveis. (BNCC, p.73, 2018)

Com base nisso, a metodologia deste e-book se permeará por meio da aplicação de oficinas de estratégias de leitura e de escrita que foram elaboradas pela pesquisadora. Em supra, para Souza et al (2010, p. 59) “As oficinas de leitura são momentos específicos em sala de aula em que o professor planeja o ensino de uma estratégia. Nessas oficinas, há uma ambientação intencionalmente planejadas”. E Solé (1988) complementa afirmando que as estratégias de leitura fazem parte de ferramentas para a formação e desenvolvimento de uma leitura proficiente.

A leitura será entendida como um processo de inteira interação entre o leitor e o texto. Como destaca Kleiman (2000) “para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2000, p.15). Em completude a isto, de acordo com Solé (1998) para a concretização e desenvolvimento de uma leitura proficiente as estratégias de leitura são ferramentas necessárias e pertinentes. Com uma aplicação bem desenvolvida o aluno conseguira interpretar e compreender os textos lidos de forma autônoma, crítica e reflexiva concretizando o trabalho efetivo para a formação de um leitor independente. E complementa,

[...] para que um mau leitor deixe de sê-lo, é absolutamente necessário que possa assumir progressivamente o controle do seu próprio processo e entenda que pode utilizar muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, mas também estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto. (SOLÉ, 1998, p.126)

A autora complementa afirmando que os procedimentos pelo qual as estratégias de leitura passam abrangem objetivos e planejamentos que

tendem a ser atingidos e conquistados. Ao longo desse processo, as estratégias são usadas a fim de analisar como os mecanismos de leitura, que o leitor irá desenvolver ao longo da aplicabilidade das estratégias, contribuem para a construção de sentido e conseqüentemente para a criação um perfil crítico, reflexivo e autônomo.

Para que as estratégias sejam aplicadas adequadamente é preciso que se crie situações que promovam o ensino significativo e conseqüentemente uma leitura de significados, ou seja, uma leitura que tenha e traga sentidos para o aluno. Outro fator importante é a vivência que o aluno deve presenciar ao estar em contato com a leitura e suas estratégias, ele precisa presenciar como o professor reage quando se depara com situações adversas ou dificuldades na leitura. Em consonância a isso, Solé (1998) ratifica que,

[...] para ensinar as estratégias que podem ser adotadas quando há lacunas na compreensão não se deve fazer muito mais do que o imprescindível para a compreensão do texto; mostrar aos alunos os objetivos da leitura, proporcionar e ativar os conhecimentos prévios, ensinar a inferir, a fazer conjecturas, a se arriscar e a buscar verificação para suas hipóteses; explicar o que podem fazer quando se depara com problemas no texto. (SOLÉ, 1998, p. 130)

Outrossim, é por meio da prática e estabelecendo relações reais com a realidade que a leitura deve acontecer. Ao se direcionar aos aspectos que tornam a leitura ativa e crítica na formação do discente, não se deve negar a importância do professor e sua ação direcionada à formação de um perfil leitor. É o mesmo que ocorre com a escrita, que deve ser pla-

nejada e ter significados para os alunos. Por isso, para que ocorra uma produção de texto Lopez (2016) destaca que é preciso,

- 1) Ativar o conhecimento relativo ao tema que se vai escrever, tanto em relação ao conteúdo quanto à forma de estruturar as ideias e o público para quem está direcionado.
- 2) Ensinar a gerar ideias sobre um tema determinado.
- 3) Ensinar a hierarquizar as ideias que foram geradas.
- 4) Ensinar a representar essas ideias.
- 5) Ensinar a produzir o texto com estrutura de classificação ou de comparação-contraste, com a utilização dos indicadores.
- 6) Ensinar a revisar o escrito e a modificá-lo com base nos critérios de coerência e compreensão. (LOPEZ, 2016, p.152)

Sendo assim, as oficinas serão dispostas em cinco aplicações, que poderão ocorrer em um ou mais dias, de acordo com a necessidade e escolhas dos sujeitos envolvidos. Cada oficina terá o máximo 60 minutos para a sua aplicação.

Os modelos das oficinas serão expostos e descritos a seguir visando auxiliar e dar sugestões para os professores de língua portuguesa das séries variadas.

OFICINA 1

ESTRATÉGIA CONEXÃO

TEMA: Oficina de Leitura “Prioridades” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de conexão.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e oralidade.

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Prioridades” de Lya Luft., do quadro representativo, da folha do pensar, da folha para a produção do cartaz, quadro para ativação do conhecimento prévio, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é conhecimento prévio, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.
- Orientar que os alunos façam a leitura do texto e/ou ler com eles.
- Após a leitura, pedir que os alunos preencham os quadros a seguir.

PRIORIDADES

Bem que a gente podia fazer uma reforma para valer, não essas dos políticos e dos papéis, mas alguma coisa pessoal. Vital.

A reforma das nossas prioridades. Cansei de ouvir todo mundo reclamando que não tem tempo nem para respirar, nada mais de conversas à mesa, nada mais de passeio tranquilo, muito menos de sossego em família. Amantes, namorados, casais, amigos, todo mundo corre abobadíssimo para cumprir mil tarefas: das quais certamente novecentos e noventa seriam dispensáveis se a gente examinasse direito.

Tempo é dinheiro, diziam os pragmáticos, e isso se tornou lei universal. A conta do banco, o colégio dos filhos, o plano de saúde (num país onde o INSS é meio suicídio andado), o restaurante e o bar, a roupa de grife e a bolsa, até a mochila escolar do momento, sem a qual, é claro, o filho não garante nem que consiga passar de ano. A lista é longa, segundo a preferência de cada um.

Fico imaginando que se a gente fizesse uma faxina em nossos compromissos e deveres, boa parte desapareceria ligeiro no ralo do bom senso, e desapareceria para todo sempre no nebuloso das nossas iniquidades mais banais. Sobrariam alguns compromissos, dos quais não há como fugir: provavelmente saúde, prestação do apartamento, escola (a pública estando como está) e alguns outros (poucos).

Comprar não é um dever, quando não se trata do indispensável ou do que faz bem. Comprar pode ser, e tem sido, em grande parte moda, mania, quase neurose. Andar com a roupa do momento pode ser burro e pobre: por que todas as meninas parecendo fantasiadas para desfilarem no mesmo

bloco? Por que todas com a mesma sandália só porque alguém na televisão...? Por que pais e mães se sacrificam para poderem dar aos meninos alguns absurdos caros, talvez ridículos?

Não quero que meus netos e netas andem muito diferentes de sua turma. Mas não desejaria que seus trabalhassem sem mais horas do que o necessário para lhes permitir algumas insanidades.

Não acho que os casais precisam ter apenas, para seu encontro, as poucas horas da noite, exaustos do dia intenso, da hora extra, quem sabe até do trabalho no fim de semana. Se for para sobreviver com dignidade, paciência: muitas vezes tem de ser, mas muitíssimas vezes não precisaria ser assim. Labutamos como animais para além do que seria humano, e para aquilo que nem é importante: para o fútil excessivo (um pouco de futilidade, sim, ou nos desumanizamos), para o mais do que tolo (um pouco de tolice, sim, ou viramos estátuas).

Uma hora a menos de trabalho extra por dia – não vou poder comprar aquele tênis importado caríssimo, o menino vai emburrar – pode significar uma hora de carinho, de convívio a mais.

Um fim de semana menos de trabalho extra – mas como vou dar aquela roupa caríssima, a menina vai se frustrar, e tem o cursinho de inglês, e o de nem lembro o quê...e a mulher quer aquelas férias naquele hotel caro, e chegou a hora de trocar o carro...- pode representar u encontro onde a gente vai enxergar de verdade o filho, o irmão, a amante, o marido, o amigo.

Ou a si mesmo, ficando quieto na rede, na praça, até na cama. De bobeira. Olhando a nuvem, o galho de flor pela janela, deitado na grama ou na areia

com a cara no sol, sentindo o mundo que somos gente, dentro de algo misterioso chamado vida. Reformulando nossos planos, tentando saber o que queremos para nós.

Muito do que gastamos (e nos desgastamos) nesse consumismo feroz podia ser negociado com a gente mesmo: uma hora de alegria em troca daquele sapato. Uma tarde de amor em troca da prestação do carro do ano; um fim de semana em família em lugar daquele trabalho extra que está me matando e ainda por cima detesto.

Não sei se sou otimista demais, ou fora da realidade. Mas, à medida que fui gostando mais do meu jeans, camiseta e mocassins, me agitando menos, querendo ter menos, fui ficando mais tranquila e mais divertida. Sapato e roupa simbolizam bem mais do que isso que são: representam uma escolha de vida, uma postura interior.

Nunca fui modelo de nada, graças a Deus. Mas amadurecer me obrigou a fazer muita faxina nos armários da alma e na bolsa também. Resistir a certas tentações é burrice; mas fugir de outras pode ser crescimento, e muito mais alegria.

Cada um que examine o baú de suas prioridades, e faça a arrumação que quiser ou puder.

Que seja para aliviar a vida, o coração e o pensamento – não para inventar de acumular ali mais alguns compromissos estéreis e mortais.

Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág.113

QUADRO REPRESENTATIVO DA CONEXÃO TEXTO-LEITOR

ALUNO:

Após a leitura da crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que, um dia, eu também...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

FOLHA DO PENSAR SOBRE A CONEXÃO TEXTO-TEXTO

ALUNO:

Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Neste momento, os alunos preenchem o último quadro e posteriormente o professor transcreve para um cartaz as pontuações dos alunos.

FOLHA PARA A PRODUÇÃO DO CARTAZ SOBRE A CONEXÃO TEXTO-MUNDO

ALUNO:

Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após a leitura e respostas dos quadros anteriores, é destinado um tempo para que os alunos leiam o texto novamente e façam uma discussão. Posteriormente, eles respondem esse questionamento.

QUADRO PARA A ATIVAÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO

ALUNO:

Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, pude perceber que a forma como os conceitos, o vocabulário e o tema são abordados, me fez pensar...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Lopez (2016)

Por fim, entregue o último quadro para que os alunos preencham a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem da crônica lida.

| QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA | | | |
|---|-----|-----|------------|
| QUESTIONAMENTO | SIM | NÃO | OBSERVAÇÃO |
| Você gostou do tema desta crônica? | | | |
| Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade? | | | |
| Você gostou da linguagem abordada na crônica? | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

OFICINA 2

ESTRATÉGIA INFERÊNCIA

TEMA: Oficina de Leitura “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de inferência.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura, oralidade e escrita.

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft, quadro âncora, quadro recapitulativo e folha do pensar, inferências e comparação das crônicas, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é inferência, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.
- Pedir que os alunos respondam esse quadro âncora a inferência antes de fazer a leitura da crônica.

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA

| ALUNO: | | | |
|--|-----|-----|------------|
| EU USO PARA PREVER: | SIM | NÃO | OBSERVAÇÃO |
| O título. | | | |
| Questões que podem ser respondidas. | | | |
| O que eu já sei sobre o assunto do texto. | | | |
| O que eu sei sobre o autor ou gênero. | | | |
| O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto. | | | |
| O que eu sei sobre a história. | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após o preenchimento do quadro, orientar que os alunos façam a leitura do texto e/ou ler com eles.

Texto 1

REVOGUE-SE

Relacionamentos se constroem ao longo dos anos de sua duração: os dois parceiros vão tramar consciente ou inconscientemente a teia que os vai envolver ou separar, o casulo onde vão abrigar ou sufocar seus filhos.

Amor não deveria ser prisão ou dever, mas crescimento e libertação. Porém se gostamos de alguma coisa ou de alguém, queremos que esteja sempre conosco. Perda e separação significam sofrimento, mas não o fim da vida nem o fim de todos os afetos.

Certa vez me entregaram um bilhete que dizia:

“Se você ama alguém, deixe-o livre.”

Poucas afirmações são tão difíceis de cumprir, poucas contêm tamanha sabedoria em relação aos amores, todos os amores: filhos, amigos, amantes. Amor é risco, viver é risco. Pois permitir, até querer que o outro cresça ao nosso lado, pode significar que crescerá afastando-se de nós.

Mas - essa é a força e a beleza do desafio de uma vida a dois - o outro, crescendo, pode-se abrir mais para nós, que participaremos dessa expansão. Instaure-se uma instigante parceria amorosa, na qual o tempo não servirá para desgaste, mas para construção. É um processo de refinamento da cumplicidade que brilha em algumas relações mesmo depois de muitos anos, muitas perdas, e muitos difíceis recomeços - desde que haja sobre o que reconstruir.

Em contrapartida, alguém muito torturado me disse certa vez:

“Se você conhece o clima na casa de meus pais, entenderia por que eu sou tão doente”.

Era realmente uma alma retorcida, novelo de mágoas. Sua confiança na vida fora solapada pelo que via em casa, sua crença nos afetos contaminada pelo que ali presenciava.

Muitas vezes a salvação está na separação, embora casais não se separem apenas por frieza ou desamor. Às vezes houve tamanha transformação no curso do tempo, que o mais digno, o mais libertador para todos, é uma separação com respeito e amizade.

Casais podem se separar com dignidade, apesar das dores iniciais, e com certeza nunca fizeram nada de melhor pelos seus filhos, embora esse conceito seja relativamente inovador.

Não acho um fracasso uma relação que dure dez, vinte anos e depois termine. O “que seja eterno enquanto dure” de Vinicius não era cinismo, porém constatação de que um amor pode se transformar em um afeto que foge às definições e permanece mesmo depois de uma separação. Desde que não se abafe essa possibilidade debaixo de camadas de rancor e desejo de vingança.

Hoje começamos a entender e admitir que relacionamentos mudam ou se desgastam, contratos afetivos se refazem, e a família, que não vai acabar, abre portas e janelas para novas maneiras de se relacionar mesmo

depois que o casamento termina.

Tudo o que se viveu de bom ou ruim liga para sempre, se foi intenso ou prolongado. Nem divórcio nem morte apagam a presença do outro, que em qualquer dessas circunstâncias há de continuar lançando a sua sombra: boa ou negativa.

Será preciso tempo, descoberta e cultivo de outros interesses, abertura para novos afetos, para que essa ferida feche: e ela fecha, não deixando necessariamente cicatrizes inflamadas. Por outro lado, nada cresce bem no terreno de uma relação ruim. Viver lado a lado em silêncios ressentidos, críticas pronunciadas ou abafadas, isolamento e indiferença pode ser uma condenação.

Velhos casais não são sempre amigos.

Jovens casais não são sempre amantes.

Relacionamentos podem ser mortais.

O que mais identifica um par é o clima que circula entre eles além de palavras e gestos; uma química de pele e emoção, mel ou veneno, emoções que, se forem positivas, vão nos abrir para vivências.

O primeiro toque sobre uma criança ao nascer vai definir parte de seu destino: é a atmosfera de amor ou de hostilidade e frieza, que reina entre seus pais. Nascendo, caímos nessas marés sombrias ou positivas. Se forem positivas, vão nos abrir para vivências. O primeiro toque sobre uma criança ao nascer vai definir parte de seu destino: é a atmosfera de amor ou de hos-

tilidade e frieza, que reina entre seus pais. Nascendo, caímos, nessas marés sombrias ou positivas. Se forem menos saudáveis, cegamos ao mundo como quem naufraga. Serão precisos muito esforço pessoal e afetos bons para nos salvar.

Laços negativos podem unir mais que os do amor. E matam. Torna-se impossível viver, respirar, sem o inimigo de dentro da casa: mulheres dominadoras, maridos grosseiros, filhos assustados e revoltados, uma violência que não precisa ser de gritos e golpes, mas a violência inominável da indiferença. Arma-se uma rede que prende e lentamente sufoca toda a alegria.

Onde quer que morem essas famílias, sobre a porta de entrada pode-se ler a sentença que vai recair também sobre os mais inocentes:

“Aqui revogou-se a esperança”.

Disponível no livro “Pensar é transgredir” de Lya Luft, pág.145.

Após a leitura do texto anterior, apresente a outra crônica de Lya Luft “Subir pelo lado que desce”.

Texto 2

SUBIR PELO LADO QUE DESCE

“Viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce”.

Ouvindo esta frase, imaginei qualquer pessoa nessa acrobacia que as crianças fazem ou tentam fazer: escalar aqueles degraus que nos puxam inexoravelmente para baixo. Perigo, loucura, inocência, ou uma boa metáfora do que fazemos diariamente?

Poucas vezes me deram um símbolo tão adequado para a vida, sobretudo naqueles períodos difíceis em que até pensar em sair da cama dá vontade de desistir. Tudo o que queríamos era tapar a cabeça e dormir, sem pensarmos em nada, fingindo que não estamos nem aí...

Porque tantos, isto é, a voz do poço e da morte, nos convoca a cada minuto para que, enfim, nos entreguemos e acomodemos. Só que acomodar-se é abrir a porta a tudo aquilo que nos faz cúmplices do negativo. Descansaremos, sim, mas tornando-nos filhos do tédio e amantes da pusilanimidade, personagens do teatro daqueles que constantemente desperdiçam os seus próprios talentos e dificultam a vida dos outros.

E o desperdício da nossa vida, talentos e oportunidades é o único débito que no final não se poderá saldar: estaremos no arquivo-morto.

Não que não tenhamos vontade ou motivos para desistir: corrupção, violência, drogas, doença, problemas no emprego, dramas na família, buracos na alma, solidão no casamento a que também nos acomodamos...

tudo isso nos sufoca. Sobretudo, se pertencermos ao grupo cujo lema é: Pensar, nem pensar... e a vida que se lixe.

A escada rolante chama-nos para o fundo: não dou mais um passo, não luto, não me sacrifico mais. Para quê mudar, se a maior parte das pessoas nem pensa nisso e vive da mesma maneira, e da mesma maneira vai morrer?

Não vive (nem morrerá) da mesma maneira. Porque só nessa batalha consigo mesmo, percebendo engodos e superando barreiras, podemos também saborear a vida. Que até nos surpreende quando não se esperava, oferecendo-nos novos caminhos e novos desafios.

Mesmo que pareça quase uma condenação, a ideia de que viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce é que nos permite sentir que afinal não somos assim tão insignificantes e tão incapazes.

Então, vamos à escada rolante: aqui e ali até conseguimos saltar degraus de dois em dois, como quando éramos crianças e muito mais livres, mais ousados e mais interessantes.

E porque não? Na pior das hipóteses, caímos, magoamo-nos por dentro e por fora, e podemos ainda uma vez... recomeçar.

Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág.141.

Após a leitura das crônicas, realize uma conversa sobre os textos e retome a folha do pensar e/ou cartão âncora para inferência.

| A FOLHA E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA TEXTO 1 | | | |
|---|----------------------|----------------|----------------|
| PALAVRA | SIGNIFICADO INFERIDO | DICAS DO TEXTO | FRASE DO TEXTO |
| | | | |
| | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

| A FOLHA E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA TEXTO 2 | | | |
|---|----------------------|----------------|----------------|
| PALAVRA | SIGNIFICADO INFERIDO | DICAS DO TEXTO | FRASE DO TEXTO |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Com a finalização deste preenchimento, entregue aos alunos o quadro recapitulativo para a inferência.

| QUADRO RECAPITULATIVO PARA A INFERÊNCIA TEXTO 1 | |
|--|------------|
| CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO | INFERÊNCIA |
| O que foi possível inferir do título da crônica? | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

| QUADRO RECAPITULATIVO PARA A INFERÊNCIA TEXTO 2 | |
|--|------------|
| CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO | INFERÊNCIA |
| O que foi possível inferir do título da crônica? | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após o preenchimento, entregue a folha do pensar para inferência que poderá ou não confirmar as anotações feitas pelos alunos.

| A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA TEXTO 1 | | |
|--|-----------------------|---------------------------|
| Anote aqui suas inferências | Inferência confirmada | Inferência NÃO confirmada |
| | | |
| | | |
| | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

| A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA TEXTO 2 | | |
|--|-----------------------|---------------------------|
| Anote aqui suas inferências | Inferência confirmada | Inferência NÃO confirmada |
| | | |
| | | |
| | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após a análise dos alunos sobre as inferências que foram ou não confirmadas, fazer uma conversa com eles sobre os dois textos e posteriormente, entregar o quadro de semelhanças e diferenças para o preenchimento.

| INFERÊNCIAS E COMPARAÇÃO DAS CRÔNICAS | | |
|---|-----|-----|
| SOBRE AS CRÔNICAS LIDAS ESCREVA: | SIM | NÃO |
| Há pontos que se assemelham? | | |
| Há pontos que de diferenciam? | | |
| Você acha que uma crônica contribui para o entendimento da outra? | | |
| Você acha que as inerências feitas para cada crônica se relacionam? | | |
| As inferências feitas foram importantes para o entendimento das crônicas? | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

Por fim, entregar o último quadro para os alunos preencherem a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem das crônicas lidas.

| QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA | | | |
|---|-----|-----|------------|
| QUESTIONAMENTO | SIM | NÃO | OBSERVAÇÃO |
| Você gostou do tema destas crônicas? | | | |
| Você achou que o contexto das crônicas faz sentido com a realidade? | | | |
| Você gostou da linguagem abordada nas crônicas? | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

OFICINA 3

ESTRATÉGIA VISUALIZAÇÃO E ESTRATÉGIA SUMARIZAÇÃO

TEMA: Oficina de Leitura “Pensar é transgredir” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de leitura visualização e a estratégia de leitura sumarização.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e Oralidade

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Pensar é transgredir” de Lya Luft, quadro âncora para a visualização e folha de apoio para visualização, quadro de conhecimento prévio, formulário de conhecimento prévio, quadro de síntese para sumarização e folha do pensar para sumarização, quadro para avaliar a opinião dos alunos lápis, lápis de cor, borracha.

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é visualização e sumarização, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.

PENSAR É TRANSGREDIR

Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos — para não morrermos soterrados na poeira da banalidade embora pareça que ainda estamos vivos.

Mas compreendi, num lampejo: então é isso, então é assim. Apesar dos medos, convém não ser demais fútil nem demais acomodada. Algumas vezes é preciso pegar o touro pelos chifres, mergulhar para depois ver o que acontece: porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.

Para reinventar-se é preciso pensar: isso aprendi muito cedo.

Apalpar, no nevoeiro de quem somos, algo que pareça uma essência: isso, mais ou menos, sou eu. Isso é o que eu queria ser, acredito ser, quero me tornar ou já fui. Muita inquietação por baixo das águas do cotidiano. Mais cômodo seria ficar com o travesseiro sobre a cabeça e adotar o lema reconfortante: “Parar pra pensar, nem pensar!”

O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorrateiro pensamento que nos faz parar. Pode ser no meio do shopping, no trânsito, na frente da tevê ou do computador. Simplesmente escovando os dentes. [...]

Sem ter programado, a gente para pra pensar.

Pode ser um susto: como espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades. Cada porta, uma escolha. Muitas vão se abrir para um nada ou para algum absurdo. Outras, para um jardim de promes-

sas. Alguma, para a noite além da cerca. Hora de tirar os disfarces, aposentar as máscaras e reavaliar: reavaliar-se.

Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto.

Somos demasiado frívolos: buscamos o atordoamento das mil distrações, corremos de um lado a outro achando que somos grandes cumpridores de tarefas. Quando o primeiro dever seria de vez em quando parar e analisar: quem a gente é, o que fazemos com a nossa vida, o tempo, os amores. E com as obrigações também, é claro, pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.

Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.

Compreender: somos inquilinos de algo bem maior do que o nosso pequeno segredo individual. É o poderoso ciclo da existência. Nele todos os desastres e toda a beleza têm significado como fases de um processo.

Se nos escondermos num canto escuro abafando nossos questionamentos, não escutaremos o rumor do vento nas árvores do mundo. Nem compreenderemos que o prato das inevitáveis perdas pode pesar menos do que o dos possíveis ganhos.

Os ganhos ou os danos dependem da perspectiva e possibilidades de

quem vai tecendo a sua história. O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.

Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.

Parece fácil: “escrever a respeito das coisas é fácil”, já me disseram. Eu sei. Mas não é preciso realizar nada de espetacular, nem desejar nada excepcional. Não é preciso nem mesmo ser brilhante, importante, admirado.

Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.

Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade.

Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.

E que o mínimo que a gente faça seja, a cada momento, o melhor que afinal se conseguiu fazer.

Disponível no livro “Pensar é transgredir” de Lya Luft, pág. 21.

Após a leitura da crônica, entregue a folha de apoio para a visualização.

FOLHA DE APOIO PARA A VISUALIZAÇÃO

ALUNO:

O que visualiza ao ler o título da crônica? Desenhe e/ou escreva:

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após o preenchimento deste quadro, estabeleça um diálogo com os alunos e entregue o quadro âncora para a visualização.

| QUADRO ÂNCORA PARA A VISUALIZAÇÃO | | | |
|---|-----|-----|------------|
| ALUNO: | | | |
| EU VISUALIZO A FIM DE: | SIM | NÃO | OBSERVAÇÃO |
| Fazer previsões e inferências | | | |
| Esclarecer algum aspecto do texto | | | |
| Lembrar | | | |
| EU VISUALIZO: | | | |
| Personagens, pessoas, criaturas | | | |
| Ilustrações ou características do texto | | | |
| Eventos e/ou fatos | | | |
| Espaço e/ou lugar | | | |
| EU VISUALIZO, USANDO: | | | |
| Meus sentidos (olfato, audição, paladar ou sentimentos) | | | |
| Minha reação física (calor, frio, com sede, estômago doendo etc.) | | | |
| Uma reação emocional (alegria, tristeza, ânimo, solidão etc.) | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após o preenchimento do quadro, entregue novamente a folha de apoio para uma segunda visualização e estabeleça um diálogo com o discente.

FOLHA DE APOIO PARA A VISUALIZAÇÃO

ALUNO:

O que visualizou ao terminar a leitura da crônica? Desenhe e/ou escreva:

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Professor: pergunte aos alunos o que eles perceberam com as duas ilustrações que eles realizaram: elas mudaram, o que mudou; foi possível visualizar pelas palavras do texto ou usaram os sentidos; foi preciso usar algo a mais para visualizar. Esses questionamentos serão importantes para compreender como os alunos utilizam as suas próprias estratégias e mecanismos de compreensão e entendimento.

Com a resposta dos alunos, será a hora de avançar para a segunda parte, a sumarização. Com isso, entregue aos alunos o formulário de conhecimento prévio.

| FORMULÁRIO DE CONHECIMENTO PRÉVIO | |
|---|--|
| ALUNO | |
| TIPOLOGIA TEXTUAL | |
| TÍTULO DO TEXTO | |
| Conhecimento prévio | |
| Escreva os fatos que você imaginava sobre o texto antes da leitura. | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após o preenchimento do quadro, faça a releitura da crônica e entregue aos alunos o quadro de síntese para a sumarização.

| QUADRO DE SÍNTESE PARA A SUMARIZAÇÃO | | |
|--|------------|------------|
| ALUNO | | |
| APÓS A LEITURA DA CRÔNICA, RESPONDA: | SIM | NÃO |
| As informações que eu fiz antes da leitura se confirmaram? | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Com a finalização deste quadro, entregue a folha do pensar para finalizar a estratégia da sumarização.

| FOLHA DO PENSAR PARA A SUMARIZAÇÃO | |
|--|--|
| ALUNO: | |
| 1. Escreva algo que aprendeu sobre o assunto e que acha importante lembrar. | |
| 2. Desenhe, no texto, uma linha embaixo da informação que acha importante e transcreva a seguir essa informação. | |
| 3. Escreva o que acha que a autora mais queria que aprendesse e lembrasse com a leitura. | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Por fim, entregue o último quadro para os alunos preencherem a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem da crônica lida.

| QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA | | | |
|---|-----|-----|------------|
| QUESTIONAMENTO | SIM | NÃO | OBSERVAÇÃO |
| Você gostou do tema desta crônica? | | | |
| Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade? | | | |
| Você gostou da linguagem abordada na crônica? | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

OFICINA 4

ESTRATÉGIA SÍNTESE E PRODUÇÃO TEXTUAL

TEMA: Oficina de Leitura e de Escrita “Quem ama cuida” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de leitura síntese e a produção de ideias.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura, oralidade e escrita

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Que ama cuida” de Lya Luft, formulário para síntese, quadro de reconto para síntese, quadro para avaliar a opinião dos alunos, proposta de produção textual, folha para a produção da crônica, lápis, lápis de cor, borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é síntese, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.

QUEM AMA, CUIDA

Somos uma geração perplexa, somos uma geração insegura, somos uma geração aflita — mas, como tudo tem seu lado bom, somos uma geração questionadora.

O que existe por aí não nos satisfaz. Sofremos com a falta de uma espinha dorsal mais firme que nos sustente, com a desmoralização generalizada que contamina velhos e jovens, com uma baixa autoestima e descaso que, penso eu, transpareceram em nossa equipe de futebol na Copa do Mundo.

Algum remédio deve ser buscado na realidade, sem desprezar a força da imaginação e a raiz das tradições — até no trato com as crianças.

Uma duradoura influência em minha vida, meu trabalho e arte, foram os contos de fadas: antiquíssimas histórias populares revistas e divulgadas por Andersen e pelos Irmãos Grimm, para povoar e enriquecer alma de milhões de crianças — e adultos.

Esses relatos, plenos de fantasia, falam de realidades e mitos arcaicos que transcendem linguagem, raça e geografia, e nos revelam.

Nessa literatura infantil reúnem-se dois elementos que me apaixonam: o belo e o sinistro. Ela abre, através da imaginação, olhos e medos para a vida real, tecida de momentos bons e ameaças sinistras, experiências divertidas e outras dolorosas — também na infância.

Na realidade, nem sempre os fortes vencem e os frágeis são anulados: a força da inteligência de pessoas, grupos, ou povos ditos “fracos”, inúmeras

vezes derrota a brutalidade dos “fortes” menos iluminados. Porém o mal existe, a perversão existe, atualmente a impunidade reina neste país nosso, confundindo critérios que antes nos orientavam. Cabe à família, à escola, e a qualquer pessoa bem-intencionada, reinstaurar alguns fundamentos de vida e instaurar novos.

Não vejo isso em certa — não generalizada — tendência para uma educação imbecilizante de nossas crianças, segundo a qual só se deve aprender brincando, a escola passou a ser quase um pátio tumultuado, e a falta de respeito reproduz o que acontece tanto em casa quanto em alguns altos escalões do país.

Essa mesma corrente de pensamento quer mutilar histórias infantis arcaicas como a do Chapeuzinho Vermelho: agora o Lobo acaba amigo da Vovó... e nada de devorar a velha, nada de abrir a barriga da fera e retirá-la outra vez. Tudo numa boa, todos na mais santa paz, tudo de brincadeirainha — como não é assim a vida.

Modificam-se textos de cantigas como “Atirei o pau no gato”, transformando-a em um ridículo “Não atire o pau no gato” e outras bobajadas, porque o gato é bonzinho e nós devemos ser idem, no mais detestável politicamente correto que já vi.

O mundo não é assim. Coisas más e assustadoras acontecem, por isso nossas crianças e jovens devem ser preparados para a realidade. Não com pessimismo ou cinismo, mas com a força de um otimismo lúcido.

Medo faz parte de existir, e de pensar. Não precisa ser terror da violência

doméstica, física ou verbal, ou da violência nas ruas — mas o medo natural e saudável que nos faz cautelosos, pois nem todo mundo é bonzinho, adultos e mesmo crianças podem ser maus, nem todos os líderes são modelos de dignidade. Uma dose de realismo no trato com crianças ajudará a lhes dar o necessário discernimento, habilidade para perceber o positivo e o negativo, e escolher melhor.

Temos muitos adolescentes infantilizados pelo excesso de proteção paterna ou pela sua omissão, na gravíssima crise de autoridade que nos assola; temos jovens adultos incapazes porque quase nada lhes foi exigido, nem na escola, nem em casa. Talvez tenha lhes faltado a essencial atenção e interesse dos pais, na onda de “tudo numa boa”.

Dar a volta por cima significará mudar algumas posturas e opções, exigir mais de nós mesmos e de nossos filhos, de professores e alunos, dos governos, das instituições. Ou vamos transformar as novas gerações em fracotes despreparados, vítimas fáceis das armadilhas que espreitam de todos os lados, no meio do honrado e do amoroso — que também existem e precisam se multiplicar.

Não prego desconfiança básica, mas uma perspectiva menos alienada: duendes de pesadelo aparecem em nosso cotidiano. Nem todos os amigos, vizinhos, parentes, professores ou autoridades nos amam e nos protegem. Nem todos são boas pessoas, nem todos são preparados para sua função, nem todos são saudáveis.

Para construir de forma mais positiva nossa vida, é preciso, repito, dispor da

melhor das armas, que temos de conquistar sozinhos, duramente, quando não a recebemos em casa nem na escola: discernimento. Capacidade de analisar, argumentar, e escolher para nosso bem — o que nem sempre significa comodidade ou sucesso fácil.

Quem ama, cuida: de si mesmo, da família, da comunidade, do país — pode ser difícil, mas é de uma assustadora simplicidade, e não vejo outro caminho.

Disponível no livro “Em outras palavras” de Lya Luft, pág.205.

Após a leitura, entregue o formulário para a síntese.

| FORMULÁRIO PARA A SÍNTESE | |
|---------------------------|--------------------|
| TÍTULO DA CRÔNICA | |
| NOME | |
| O QUE É INTERESSANTE | O QUE É IMPORTANTE |
| | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Depois de analisar o texto e as informações anotadas pelos alunos, entregue o quadro de reconto para síntese.

| QUADRO DE RECONTO PARA SÍNTESE |
|---|
| ALUNO |
| LISTA DE PALAVRAS-CHAVE DA NARRATIVA |
| REGISTROS DE BREVES PASSAGENS DA HISTÓRIA QUE NORTEIAM A ESTRUTURA DA NARRATIVA |
| RECONTO DA HISTÓRIA (atividade oral) |
| RESUMO |
| OPINIÃO PESSOAL |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Por fim, entregue o último quadro para os alunos preencherem a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem da crônica lida e estabeleça um diálogo com os alunos.

| QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA | | | |
|---|-----|-----|------------|
| QUESTIONAMENTO | SIM | NÃO | OBSERVAÇÃO |
| Você gostou do tema desta crônica? | | | |
| Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade? | | | |
| Você gostou da linguagem abordada na crônica? | | | |

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

Com a finalização desta síntese, o próximo passo será a produção textual. Para isso, faça uma observação sobre as oficinas aplicadas e os textos lidos. Após a análise e discussão com os alunos, anote todas as observações e apresente a proposta de produção textual.

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

ALUNO:

Com base nas oficinas anteriores, sua tarefa é produzir uma crônica, mas antes da escrita, preencha o quando a seguir com as ideias que deseja abordar em seu texto.

TEMA

PÚBLICO- ALVO

PRINCIPAIS IDEIAS SOBRE
O TEMA ESCOLHIDO

COLOCAR, EM ORDEM DE
HIERARQUIA, AS IDEIAS
SOBRE O ASSUNTO

REPRESENTAÇÃO DAS
IDEIAS (o que deseja usar)

COMPARAÇÕES OU
CONTRASTES

LEITURAS QUE FARÁ
PARA A ESCRITA

FINALIDADE DO TEXTO

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Lopez.

OFICINA 5

ESTRATÉGIA REESCRITA

TEMA: Oficina de Leitura e de Escrita “Nossas muitas fomes”, de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia reescrita do texto

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Produção textual.

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “nossas muitas fomes”, de Lya Luft, folha de reescrita da produção textual, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

- Após a finalização da produção textual na oficina anterior, oriente aos alunos para lerem seu texto e destacarem o que pode ser melhorado, alterado, modificado.
- Posteriormente, entregue a crônica “Nossas muitas fomes” de Lya Luft, para que eles leiam e analisem o que o texto quer passar.

NOSSAS MUITAS FOMES...

"Do meu cômodo posto de observadora - e o duro posto de cidadã, onerada de altíssimos impostos, contas a pagar, perplexidade e insegurança, e otimismo anêmico -, quero expandir o conceito de fome.

A fome, as fomes: de dignidade, a essencial. De casa, saúde e educação, as básicas. Mas - não menos importantes - a fome de conhecimento, de possibilidades de escolha. Fome de confiança, ah, essa não dá para esquecer. Poder confiar no guarda, nas autoridades, nos pais e no país, e também nos filhos. Em nós mesmos, se nos acharmos merecedores.

Confiar em quem votei, e em quem não recebeu meu voto: ser digno não é vantagem, é obrigação básica. Andamos tão desencantados, que ser decente parece virtude, ser honesto ganha medalha, e ser mais ou menos coerente merece aplausos.

Fome de conhecimento: não é alfabetizado quem apenas assina o nome, mas quem assina o que leu e compreendeu. De outro modo, perigo a vista. Não cursa uma verdadeira escola quem dela sai para a vida sem saber pensar, argumentar e discernir.

A primeira condição para viver melhor é conhecer mais coisas, inclusive sobre a própria situação e as possibilidades de mudar. Não tomando, invadindo e assaltando, mas crescendo enquanto ser humano e membro produtivo da comunidade: família, trabalho, cidade, país.

Informar-se faz parte disso, de ser integrado, de integrar-se. É tomar conta-

to com a realidade diretamente, não apenas com o que os outros relatam ou inventam. É assistir ou escutar notícias não como quem tateia no escuro, mas com ouvidos de quem deseja entender.

Informar-se é também ler: ler como se come o pão cotidiano, ainda que seja o jornal esquecido no banco da praça.

Não creio que a violência que assola este país e nos transforma em ratos assustados seja simplesmente fruto da fome de comida, mas da fome de autoestima. A violência internacional, emblemática no terrorismo, nasce entre outras coisas da combinação de ideologia torta e fanatismo. A ideologia nem sempre comanda a morte, nem sempre se conserta o intelecto: sendo positiva, ilumina e estimula, assim como a outra delonga inocentes, explode crianças e se orgulha disso. Andamos acuados pela brutalidade que transcende os limites urbanos, atingindo lugares bucólicos que antes pareciam paraísos intocáveis: você pensa em comprar um sítio? Inclua nesse pacote o caseiro, os cães, alarmes e quem sabe cerca eletrificada. Se for uma fazenda, cave trincheiras e contrate guardas. De preferência, more a cidade mais próxima, rodeado de toda uma parafernália de segurança, ou lançando-se na vida (isto é, saindo à rua) com audácia de guerreiro medieval.

Teremos paz, esta nossa grande fome?

Neste momento estou descrente, embora batalhe por isso do jeito que posso. É dos deveres básicos de qualquer pessoa, tentar a paz em si mesmo e ao seu redor, sem necessariamente desfraldar bandeiras, mas existindo e

agindo como um ser pacífico (não confundam com pusilânime!). Se posso ser agregadora – iniciando pela família amigos -, não devo espalhar ressentimento; se quero a paz, não posso transmitir rancor.

Tudo começa, como dizem, em casa: desde quando ela era uma primitiva caverna, e nós uns trogloditas um pouco menos disfarçados do que hoje, com fomes bem mais simples de satisfazer.

Disponível no livro "Em outras palavras" de Lya Luft, pág.19.

PROFESSOR: o intuito dos alunos lerem o texto antes da reescrita, é para auxiliarem neste processo a fim de ajudar nas perspectivas vistas por eles que precisam de melhoria. O texto é uma base e funciona como um suporte de interpretação e para a produção textual.

- Para a efetivação da reescrita, entregue a folha para que os alunos possam realizar as alterações propostas.

REFERÊNCIAS

BNCC, Base Nacional Comum Curricular. **BNCC**: Portal vinculado ao Conselho Nacional dos Secretários de Educação e ao Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 7.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.

LOPEZ, Nuria Carriedo. TAPIA, Jesus Alonso. **Como ensinar a compreender um texto? Um programa de estratégias para treinar a compreensão leitora**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2016.

LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LUFT, Lya. **Em outras palavras**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004.

SOUZA et al, Renata Junqueira de. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, São Paulo: mercado de letras, 2010.

ISBN: 978-65-990038-6-8

DIÁLOGO
EDITORIAL